
**FORMAÇÃO TEOLÓGICA EM CRISE:
A SUPERFICIALIDADE DOUTRINÁRIA COMO FRUTO DA MASSIFICAÇÃO**

**THEOLOGICAL FORMATION IN CRISIS:
DOCTRINAL SUPERFICIALITY AS A CONSEQUENCE OF MASSIFICATION**

Emerson Claudio Mildenberg^{*}
Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello^{**}

RESUMO

O presente artigo analisa a crise na formação teológica contemporânea, especialmente no contexto brasileiro, marcada pela superficialidade doutrinária decorrente da massificação da igreja visível. O objetivo é demonstrar como o crescimento numérico das igrejas, desvinculado de uma formação teológica sólida, compromete a maturidade espiritual dos fiéis e a fidelidade à verdade revelada. A metodologia adotada é qualitativa, com base em análise teológica e documental de fontes clássicas e contemporâneas, como Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero, Calvino, Jonathan Edwards e R. C. Sproul, além de textos bíblicos selecionados. O artigo revisita a distinção entre igreja visível e invisível, a doutrina da eficácia dos sacramentos e a relação entre razão e afeto na fé cristã. Os resultados apontam que a expansão da igreja visível, quando não acompanhada de ensino doutrinário consistente, favorece o emocionalismo, o pragmatismo e a vulnerabilidade a falsos ensinamentos. A análise da parábola das dez virgens (Mateus 25:1–13), da advertência contra falsos profetas (Mateus 7:15–23) e da carta à igreja de Éfeso (Apocalipse 2:2–5) reforça a necessidade de discernimento e de amor como marcas da verdadeira fé. Conclui-se que a formação teológica deve integrar razão e afeto, conforme proposto por Edwards, promovendo uma espiritualidade robusta e fiel à Palavra. A superação da crise formativa exige estratégias que priorizem a profundidade bíblica, a mentoria pastoral e o desenvolvimento de afetos santos enraizados na verdade.

Palavras-chave: formação teológica; igreja visível; superficialidade doutrinária; Jonathan Edwards; razão e afeto.

^{*} Doutor em Ministério Eclesiástico pela Western Michigan University, Holland/Michigan, EUA. Coordenador e Professor dos Cursos de Teologia e de Tecnologia em Ministério Pastoral do Centro Universitário Filadélfia de Londrina, PR. E-mail: teologia.ead@unifil.br.

^{**} Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo, SP, Brasil. Professor Associado da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: migliozi@uel.br.

ABSTRACT

This article analyzes the current crisis in theological education, particularly within the Brazilian context, marked by doctrinal superficiality resulting from the massification of the visible church. The objective is to demonstrate how numerical growth, when disconnected from solid theological formation, undermines spiritual maturity and fidelity to revealed truth. The methodology is qualitative, based on theological and documentary analysis of classical and contemporary sources such as Augustine, Thomas Aquinas, Martin Luther, John Calvin, Jonathan Edwards, and R. C. Sproul, alongside selected biblical texts. The study revisits the distinction between the visible and invisible church, the doctrine of sacramental efficacy, and the relationship between reason and affection in Christian faith. The results indicate that the expansion of the visible church, without consistent doctrinal teaching, fosters emotionalism, pragmatism, and vulnerability to false teachings. The analysis of the parable of the ten virgins (Matthew 25:1–13), the warning against false prophets (Matthew 7:15–23), and the letter to the church in Ephesus (Revelation 2:2–5) reinforces the need for discernment and love as marks of true faith. The article concludes that theological formation must integrate reason and affection, as proposed by Edwards, promoting a robust spirituality rooted in Scripture. Overcoming the formative crisis requires strategies that prioritize biblical depth, pastoral mentoring, and the cultivation of holy affections grounded in truth.

Keywords: theological formation; visible church; doctrinal superficiality; Jonathan Edwards; reason and affection.

A IGREJA VISÍVEL E A IGREJA INVISÍVEL

No ano 311, após a eleição de Ceciliano como bispo de Cartago, surgiu o movimento que ficou conhecido como Donatismo. Quando Agostinho se tornou bispo de Hipona, em 395, já encontrou uma Igreja africana profundamente dividida pela questão donatista. O confronto entre Agostinho e os donatistas girava em torno da pureza da Igreja e da validade dos sacramentos. Para os donatistas, a Igreja devia ser uma comunidade de santos puros, e sacramentos administrados por clérigos pecadores eram inválidos. Para Agostinho, ao contrário, a Igreja é um corpo misto de justos e de pecadores (*corpus permixtum*), e os sacramentos são válidos independentemente da santidade do ministro, porque sua eficácia provém de Cristo. Nesse sentido, o sacramento não depende da santidade do ministro, mas da ação de Cristo. Mesmo que um sacerdote fosse indigno, os sacramentos continuavam válidos, pois quem age é o próprio Deus, não o homem. Esse princípio ficou conhecido como *ex opere operato* (isto é, “pelo ato realizado”).

Agostinho também enfatizou que a eficácia da graça pode não se manifestar se faltar fé ou arrependimento no coração. Isso fica muito claro em seu *Tratado sobre o Batismo*. Agostinho

(2006, p. 143) enfatiza que pode haver um impedimento, por parte do receptor, que impede o pleno aproveitamento da graça sacramental:

A remissão dos pecados irreparáveis não acompanha o batismo, se tiver somente o legítimo, mas deve possuí-lo legitimamente. Contudo, se não o tiver legitimamente, os pecados ou não são perdoados ou reviverão depois de perdoados, e nem por isso o sacramento do batismo será mau ou nulo no batizado. Assim como Judas, a quem o Senhor entregou o bocado, não recebendo um mal, mas recebendo-o mal, deu lugar ao diabo em si mesmo, também quem, recebendo indignamente o sacramento do Senhor, não faz com que, sendo ele mau, o sacramento seja mau, ou que nada tenha recebido, porque não o recebe em ordem à salvação.

O Bispo de Hipona reconhecia a importância da disposição interior para experimentar a graça sacramental, complementando o princípio *ex opere operato* com uma condição subjetiva: a condição interior do receptor que pode impedir o pleno aproveitamento da graça sacramental.

Na Escolástica Medieval, essa formulação foi revisitada e sistematizada por Tomás de Aquino na *Suma Teológica* (2001), afirmando que os sacramentos têm eficácia *ex opere operato*, desde que não haja obstáculo (*obex*) da parte do receptor. O termo latino *obex* significa literalmente "barreira, obstáculo". No contexto sacramental, refere-se a uma disposição inadequada da pessoa que recebe o sacramento. Um exemplo clássico dessa barreira ocorre quando, no batismo, mesmo que a água e a fórmula trinitária sejam aplicadas corretamente, se o batizando adulto recebe o sacramento sem fé, ou com intenção contrária à graça de Deus, cria-se um *obex* que impede a frutificação da graça. A mesma coisa acontece na eucaristia. Se o fiel comunga em estado de pecado mortal, ele recebe de fato o sacramento (a presença real de Cristo), mas não recebe a graça santificante, porque o pecado funciona como um *obex*.

Na Reforma Protestante, o princípio *ex opere operato* foi retomado, mas de modo crítico. Martinho Lutero criticou a concepção mecânica dos sacramentos, como se atuassem automaticamente. Para ele, o batismo e a ceia eram eficazes, porque estavam vinculados à promessa da Palavra de Deus e eram recebidos pela fé. Lutero, portanto, rejeita a eficácia sacramental independente da fé do participante. João Calvino também se posiciona contra a ideia de que os sacramentos agem por si mesmos (*ex opere operato*). Nas *Institutas* (2006: IV, 14, 14), afirma que os sacramentos “não conferem graça de si mesmos” (*ex opere operato*), mas que são instrumentos que o Espírito Santo usa para confirmar a fé, e só são eficazes quando recebidos em fé (*ex opera operantis fidei*). Zwinglio radicalizou ainda mais, entendendo os sacramentos principalmente como sinais ou memoriais, sem eficácia espiritual intrínseca.

Em resumo, Agostinho introduziu e defendeu o *ex opere operato* contra os donatistas. A escolástica medieval, sobretudo Tomás de Aquino, consolidou essa doutrina. Os reformadores (Lutero, Calvino e Zwinglio) retomaram o tema em oposição a essa concepção, contrastando-a com o princípio da fé (*ex opera operantis fidei*), rejeitando a eficácia automática e afirmando que os sacramentos só têm valor quando unidos à fé na Palavra de Deus.

Toda essa discussão teológica sobre a validade dos sacramentos e a disposição interior do fiel é extremamente rica e, certamente, muitas outras questões doutrinárias podem ser derivadas desse debate. Contudo, essa questão revela uma realidade profunda e constante na história da Igreja: dentro dos muros visíveis da comunidade cristã coexistem pessoas verdadeiramente piedosas, sinceras em sua fé e em seu arrependimento, e outras que, embora estejam fisicamente presentes, não pertencem espiritualmente à Igreja. A Igreja, portanto, não é uma assembleia de perfeitos, mas um campo onde crescem juntos o trigo e o joio, até que Deus, no tempo oportuno, revele quem verdadeiramente pertence ao corpo místico de Cristo.

A distinção entre igreja visível e igreja invisível, como apontado acima, está fortemente associada à tradição agostiniana. No contexto da polêmica contra os donatistas, Agostinho defendeu a ideia de que a Igreja verdadeira não se confunde totalmente com a comunidade institucional visível. Para ele, dentro da Igreja visível (composta por santos e pecadores misturados) está presente a Igreja espiritual ou invisível: a comunhão dos verdadeiros eleitos e santos. Entretanto, Agostinho não sistematiza a terminologia da forma como será usada posteriormente pelos reformadores, mas lança suas bases ao insistir que a Igreja não pode ser reduzida a uma instituição pura e perfeita nesta vida.

Martinho Lutero e, sobretudo, João Calvino consolidaram e sistematizaram a distinção entre Igreja visível, a comunidade organizada e institucionalizada, e Igreja invisível, a comunhão espiritual de todos os eleitos, conhecidos apenas por Deus. Nas *Institutas* de Calvino (IV, 1, 7), a formulação fica clara. A Igreja visível é necessária, mas não se identifica plenamente com o corpo dos eleitos:

Chamamos de Igreja todos aqueles que, por consenso, professam adorar um só Deus e Cristo, e que, por participação nos sacramentos, manifestam estar unidos em doutrina e fé. Por isso, reconhecemos como membros da Igreja mesmo aqueles que não são eleitos, pois muitos hipócritas se misturam aos verdadeiros crentes. Assim, há uma Igreja visível, que é reconhecida por seus sinais externos, e uma Igreja invisível, que é composta apenas dos eleitos e conhecida somente por Deus.

FUNDAMENTOS BÍBLICOS

A parábola das dez virgens em Mateus 25.1–13 oferece uma poderosa imagem da distinção entre Igreja visível e invisível. Todas as virgens estão dentro da mesma comunidade, aguardando o noivo, mas apenas cinco são prudentes e levam azeite suficiente para manter suas lâmpadas acesas. O azeite, nesse contexto, pode ser interpretado como símbolo da presença do Espírito Santo, aquele que ilumina, sustenta e vivifica a fé verdadeira. As virgens néscias, embora estejam fisicamente presentes, não possuem esse azeite, ou seja, não têm a presença real do Espírito em seus corações. Isso revela que nem todos os que estão na Igreja visível pertencem à Igreja invisível, composta pelos verdadeiros eleitos, regenerados pelo Espírito. A parábola, portanto, não apenas adverte sobre a vigilância espiritual, mas também ilustra que a comunhão externa com a Igreja não garante a salvação, se faltar a presença interior do Espírito Santo, que prepara o coração para o encontro com Cristo.

Nesse ponto, faz-se necessário relacionar a parábola das dez virgens com a passagem de Mateus 7: 17-22, em que se lê:

¹⁷ Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus.

¹⁸ Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.

¹⁹ Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. ²⁰ Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis. ²¹ Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. ²² Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?

Esta passagem aprofunda ainda mais a compreensão da distinção entre Igreja visível e invisível. Jesus começa afirmando que “toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus”, estabelecendo um critério espiritual que transcende aparências religiosas. Nem todo aquele que professa fé ou realiza obras em nome de Cristo, como profetizar, expulsar demônios ou fazer milagres, pertence verdadeiramente ao seu povo. A Igreja visível pode conter muitos que, aos olhos humanos, parecem espiritualmente ativos, mas que, aos olhos de Deus, são árvores más, sem frutos dignos de arrependimento. A ausência de frutos espirituais autênticos, como humildade, obediência e amor, revela a ausência do Espírito Santo, o “azeite” que ilumina a vida dos verdadeiros crentes. Assim, como na parábola das dez virgens e como na advertência de Mateus 7: 22-23 exposta acima, há aqueles que estão dentro da comunidade

visível, mas não pertencem à comunhão invisível dos eleitos. No dia final, não será a aparência de religiosidade que garantirá entrada no Reino, mas o conhecimento mútuo entre Cristo e o crente, em uma relação selada pela presença do Espírito e evidenciada por frutos bons e que permanecem.

CRESCIMENTO E MASSIFICAÇÃO DA IGREJA NO BRASIL

O cenário evangélico brasileiro tem experimentado, nas últimas décadas, um crescimento quantitativo expressivo, refletido no aumento de igrejas, de líderes e de membros. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) indicam que, entre 1991 e 2022, a população evangélica passou de aproximadamente 9% para 26,9% da população total do país, o que representa cerca de 47,4 milhões de pessoas. Este crescimento não se distribui de forma homogênea entre as várias denominações religiosas: há forte presença de igrejas pentecostais e neopentecostais, cujo crescimento é frequentemente acompanhado de eventos de grande porte, de repercussão midiática e de forte visibilidade social.

A expansão da igreja visível no Brasil, embora notável em números, apresenta desafios significativos para a profundidade teológica. O entusiasmo quantitativo, muitas vezes, não é acompanhado de ensino sólido, de formação doutrinária consistente ou de maturidade espiritual. Muitos líderes e membros possuem conhecimento limitado das Escrituras, priorizando experiências emocionais, práticas ritualísticas simplificadas e expectativas de benefícios materiais. Este cenário evidencia o fenômeno da superficialidade teológica, que se manifesta quando a participação visível não se traduz em crescimento espiritual genuíno.

Nesse contexto, a teologia da prosperidade emerge como uma das expressões mais evidentes dessa superficialidade teológica. Ao prometer bênçãos materiais como resultado direto da fé e da fidelidade financeira, esse modelo reforça expectativas imediatistas e enfraquece o compromisso com a santidade e com a verdade revelada, tornando líderes e membros vulneráveis a desvios doutrinários e à perda de discernimento espiritual. Muitos estudos de caso mostram que igrejas com forte ênfase em prosperidade apresentam líderes pouco preparados e membros mais focados em benefícios tangíveis do que em compromisso doutrinário.

A carta à igreja de Éfeso em Apocalipse 2:2–3 é um excelente texto para reforçar a importância da boa doutrina como antídoto contra a superficialidade da fé:

Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos; e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer.”

O próprio Cristo elogia a igreja de Éfeso pela capacidade de discernimento e pela defesa da verdade contra falsos apóstolos. Aqui vemos claramente que o Senhor não valoriza apenas a paixão, a atividade e o zelo, mas também a fidelidade doutrinária. A ortodoxia, isto é, manter a sã doutrina, é apresentada como virtude fundamental no discipulado cristão. A igreja visível pode se expandir com muitos líderes e com “apóstolos” autoproclamados, porém Cristo deixa claro que a igreja invisível se identifica pelo crivo da verdade, e a verdade é Cristo. A mera aparência de fé não basta: o critério último é a conformidade com a Palavra de Cristo, como se lê em Mateus 7:15-16 (“Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?”) ou em Mateus 7: 24-25: (“Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.”) e ainda na parábola das 10 virgens de Mateus 25:1-13, anteriormente aludida.

Em seu artigo “What is the church?”, R C Sproul (2023, sp) ressalta a centralidade de Cristo na estrutura espiritual da Igreja e acrescenta: “Christ is the cornerstone, the point that holds the foundation together. Take out the cornerstone, and everything falls apart.”¹ Em outro ponto do mesmo artigo ele escreve (2023, sp): “The church is a new temple built in Christ, by Christ, and for Christ. [...] Christ is still building His church, not by adding cement but by adding people who are the stones that hold together in Him.”² Essa metáfora deixa bastante clara duas coisas: a ideia de que Cristo é o fundamento absoluto e único da sua Igreja e o papel do crente, que deve ser o de amalgamar-se ao fundamento da Igreja, que é Cristo.

¹ Tradução nossa: “Cristo é a pedra angular, o ponto que mantém a fundação unida. Remova a pedra angular, e tudo desmorona.”

² Tradução nossa: “A igreja é um novo templo construído em Cristo, por Cristo e para Cristo. [...] Cristo ainda está edificando Sua igreja, não adicionando cimento, mas acrescentando pessoas que são as pedras que se mantêm unidas Nele.”

Neste mesmo artigo, Sproul (2023, sp) discorre sobre o ministério do Espírito Santo na edificação dos membros da Igreja invisível: “When the church walks according to the power of the Holy Spirit, then the people of God will shine as the light of the world.”³ Sproul (2023, sp) também ressalta a atitude de humildade que a Igreja deve assumir diante do poder do Espírito Santo: “We, the church, have been made for this task by the indwelling presence and power of God’s Spirit. Yet, we are called not so much to rise up but to bow down.”⁴

A superficialidade teológica e o pragmatismo que acompanham a massificação da igreja visível tendem a gerar tolerância com falsos ensinamentos e perda do discernimento com verdade, que é Cristo e que é revelada nas Escrituras. A carta à igreja de Éfeso funciona como um endosso direto de Cristo à necessidade de boa doutrina e vigilância teológica. Portanto, uma formação teológica sólida não é luxo acadêmico, mas exigência neotestamentária: sem ela, a igreja visível se incha, mas não se fortalece na fidelidade a Cristo. Quando a formação teológica é negligenciada em prol de crescimento numérico ou de emocionalismo, a igreja visível pode até se expandir, mas perde o selo de aprovação do próprio Senhor, que requer perseverança na verdade.

Jonathan Edwards diria que a prova da fé não é apenas emoção ou experiência exterior, mas discernimento espiritual racional fundado na verdade revelada. O elogio de Cristo à Igreja de Éfeso fundamenta-se exatamente nisso: uma igreja que não se deixa levar por qualquer vento de doutrina, mas examina, prova e rejeita falsos mestres.

Torna-se necessário nesse ponto apontar que Cristo, logo após fazer o elogio à Igreja de Éfeso, faz uma crítica a ela em Éfeso 2:4-5: (“Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas.”). Cristo censura agora a igreja de Éfeso, não por falha doutrinária, mas porque sua ortodoxia estava divorciada do amor.

Jonathan Edwards é, muitas vezes, reduzido a um pensador frio e racional, especialmente por sua ênfase lógica e filosófica em obras como *The Freedom of the Will* (1754)⁵. Contudo,

³ Tradução nossa: “Quando a igreja anda segundo o poder do Espírito Santo, então o povo de Deus brilhará como a luz do mundo.”

⁴ Tradução nossa: “Nós, a igreja, fomos feitos para essa tarefa pela presença interior e pelo poder do Espírito de Deus. Contudo, somos chamados não tanto a nos levantar, mas a nos curvar.”

⁵ Tradução para o português como *A Liberdade da Vontade*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2023.

essa é uma leitura parcial. Em sua obra *Religious Affections* (1746)⁶, Edwards argumenta que a verdadeira religião não consiste apenas em conhecimento racional ou em mero assentimento intelectual à verdade. Edwards (1959, p. 95) afirma que “True religion, in great part, consists in holy affections.”⁷ Isso significa que o amor a Deus, o prazer em sua glória e a alegria na comunhão com Cristo são centrais para a vida cristã.

Ao mesmo tempo, Edwards não defende um emocionalismo sem direção. Para ele, a emoção, que ele chama de “afeições santas” deve ser guiada pela razão e iluminada pela Palavra. A fé autêntica envolve a mente e o coração: a razão nos faz compreender quem é Deus e o que Ele fez em Cristo, e o amor (afeição) é a resposta vital a essa compreensão. Edwards (1959, 97) afirma que “The kind of religion which has no holy affection is no religion.”⁸

Edwards fornece uma base teológica confiável para mostrar que a fé autêntica exige a convergência de razão e da emoção: a boa doutrina (razão) deve estar enraizada no amor a Cristo (emoção/afeto). Sem isso, corre-se o risco de uma ortodoxia morta.

Em Edwards, a razão é necessária para preservar a verdade, mas, sem o amor, o “afeto santo”, não há vida espiritual genuína. O “primeiro amor” de Apocalipse 2:4-5 ecoa diretamente essa ênfase edwardsiana de que a religião verdadeira é uma união de luz e de calor, de mente e de coração, de doutrina e de afeto.

Edwards entende que a mente deve apreender cognitivamente as verdades de Deus. A razão funciona como uma “porta de entrada” pela qual se recebem as proposições bíblicas e os conteúdos da fé. Ele não despreza a razão, ao contrário, ela é indispensável para que haja discernimento entre a verdadeira experiência religiosa e a falsa (Edwards, 1959).

Para Edwards, o verdadeiro cristianismo não se reduz a um assentimento intelectual. A simples aceitação racional das verdades do evangelho não é suficiente para a salvação. O Espírito Santo atua iluminando o intelecto, mas essa iluminação não é completa sem o despertar dos afetos santos, ou seja, um amor real, um prazer em Deus, uma inclinação da vontade que se volta para Ele.

Edwards concebe razão e emoção como dimensões inseparáveis de uma mesma experiência espiritual. A verdade captada pela razão, quando iluminada pelo Espírito, gera os

⁶ Reeditada por John E. Smith em 1959. Traduzido para o português como *Afeições Religiosas*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

⁷ Tradução nossa: “A verdadeira religião, em grande parte, consiste nas santas afeições”.

⁸ Tradução nossa: “O tipo de religião que não possui afeição sagrada não é religião.”

afetos. Porém, esses afetos também retroalimentam a percepção racional, tornando-a mais clara e mais viva. Ele fala que a verdadeira religião consiste “muito nos santos afetos” (Edwards, 1959, p. 95), mas sempre fundamentados na verdade revelada.

A igreja de Éfeso tinha discernimento racional, sabia reconhecer os falsos apóstolos, mas faltava-lhe amor. Edwards diria que esse é o exemplo típico de uma ortodoxia sem afeto, que é espiritualmente estéril. Logo, a correção de Cristo mostra que razão e emoção não podem ser divorciadas: a luz da verdade (razão) deve gerar calor do amor (emoção: “santos afetos”). Em outras palavras, a razão é a estrutura que apreende a verdade, e os afetos são a chama que essa verdade, pelo Espírito, acende no coração. Ambos são simultâneos e mutuamente dependentes, mas Edwards insiste que, sem afeto santo, não há verdadeira fé.

Jesus Cristo deixou dois mandamentos: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento (Mateus 22:37) e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mateus 22:39). Estes dois mandamentos deixados por Cristo sintetizam a vida cristã como união de razão e de afeto, exatamente como Edwards enfatiza. Jesus Cristo não separa o intelecto do afeto: o amor a Deus envolve todo o ser: mente, coração e vontade. Assim, os dois mandamentos de Cristo exemplificam a mesma integração que Edwards descreve: amar a Deus envolve entender e sentir, amar o próximo envolve agir a partir dessa compreensão e desse afeto.

O pensamento de Jonathan Edwards oferece uma crítica teológica profunda ao crescimento acelerado das denominações religiosas no Brasil, quando este ocorre em detrimento da boa doutrina. Para Edwards, a fé autêntica exige a união entre razão e afeto: a verdade revelada deve ser compreendida racionalmente e gerar afetos santos, como amor e prazer em Deus. No contexto brasileiro, a ênfase excessiva em números, carisma e emocionalismo, muitas vezes divorciada da formação teológica sólida, reflete o risco de uma ortodoxia morta ou de um fervor sem verdade. Assim como Cristo elogiou a igreja de Éfeso por seu discernimento doutrinário, mas a censurou por ter abandonado o amor, Edwards advertiria que igrejas que crescem sem cultivar afetos santos enraizados na verdade revelada perdem o selo da fé genuína. A expansão da igreja visível, sem o equilíbrio entre doutrina e afeto, pode resultar em estruturas inchadas e espiritualmente frágeis.

Uma formação superficial, emocionalista ou apenas intelectual, falha nesse padrão: Se há só razão, há ortodoxia fria, sem amor (“Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro

amor.” Apocalipse 2:4). Se há só emoção, há entusiasmo instável, sem discernimento nem fidelidade à verdade (“Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta! Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço.” Mateus 25:11-12). O ideal formativo é que a doutrina e o afeto caminhem juntos, formando líderes e fiéis que amem a Deus, com mente e coração, e o próximo com ação fundada na verdade.

Os dois mandamentos de Jesus Cristo mostram que a fé autêntica não é apenas pensamento ou sentimento isolado, mas uma vivência integral. Edwards fornece a teologia sistemática dessa integração: razão e afeto trabalham juntos para produzir um amor duradouro e espiritualidade sólida: exatamente o antídoto contra a superficialidade na formação teológica e a massificação da igreja visível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui apresentada evidencia que a massificação da igreja visível, acompanhada de formação teológica superficial ou incompleta, gera uma comunidade numerosa, porém espiritualmente frágil, incapaz de sustentar a fé duradoura e coerente com a Palavra de Deus. Textos neotestamentários como a parábola das dez virgens (Mt 25:1–13) e as advertências de Cristo (Mt 7:22–23; Ap 2:2–5) denunciam a insuficiência da aparência externa, do zelo religioso e da mera atividade ministerial, sem a presença do amor verdadeiro e da fé fundamentada. Santo Agostinho já distinguia entre igreja visível e invisível, enquanto Lutero e Calvino sistematizaram a tensão entre uma ortodoxia externa e a comunhão espiritual real dos eleitos. Jonathan Edwards acrescenta a perspectiva essencial de que a verdadeira fé combina razão e afeto: o conhecimento doutrinário precisa gerar afeição e amor a Deus e ao próximo, garantindo que a formação teológica produza discípulos íntegros e perseverantes. Diante desse panorama, conclui-se que a superficialidade formativa, fruto da priorização do crescimento numérico em detrimento da profundidade teológica, compromete a vitalidade da igreja, reforçando a urgência de uma educação teológica sólida, integral e centrada tanto na verdade revelada quanto no desenvolvimento de afeições santas.

Diante da crise formativa que acompanha a massificação da igreja visível, torna-se urgente implementar estratégias que promovam profundidade espiritual e fidelidade doutrinária. A ausência de programas sólidos de formação teológica em seminários e em igrejas

contribui para a perpetuação de líderes despreparados e comunidades vulneráveis ao emocionalismo e ao pragmatismo religioso. Para reverter esse quadro, recomenda-se a criação e o fortalecimento de iniciativas que integrem ensino bíblico consistente, mentoria pastoral individualizada e formação contínua. É essencial que o ensino teológico equilibre razão, afeto e prática, conforme a perspectiva de Jonathan Edwards, promovendo experiências que cultivem compromisso, disciplina e amor a Deus. Além disso, é necessário avaliar não apenas o crescimento numérico, mas o desenvolvimento qualitativo dos membros, garantindo que a expansão da igreja visível seja acompanhada por maturidade espiritual e fidelidade à verdade revelada.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO DE HIPONA. *Tratado sobre o Batismo*. Traduzido por Heres Drian de O. Freitas. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção Patrística, v. 42).

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Traduzido por Alexandre Correia. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BÍBLIA SAGRADA. *Almeida Revista e Atualizada*. Sociedade Bíblica do Brasil. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara>. 2025. Acesso em: 15 ago. 2025.

CALVINO, João. *Institutas da religião cristã*. Livro IV, capítulo 1, seção 7. Tradução de João Thomaz de Aquino. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

EDWARDS, Jonathan. *A Liberdade da Vontade*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2023.

EDWARDS, Jonathan. *The Freedom of the Will: A Careful and Strict Enquiry into the Modern Prevailing Notions of That Freedom of Will Which Is Supposed to Be Essential to Moral Agency, Virtue and Vice, Reward and Punishment, Praise and Blame*. Reimpressão da edição original de 1754. Grand Rapids, MI: Soli Deo Gloria Publications, [data não especificada].

EDWARDS, Jonathan. *Afeições Religiosas*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2005.

EDWARDS, Jonathan. *Religious Affections*. Edited by John E. Smith. New Haven: Yale University Press, 1959. (The Works of Jonathan Edwards, v. 2).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2022: Religiões – Resultados Preliminares da Amostra*. 2025. Disponível em:

<https://exame.com/brasil/numero-de-evangelicos-no-brasil-sobe-para-47-milhoes-e-de-catolicos-cai-para-100-milhoes-diz-ibge/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SPROUL, R. C. “What Is the Church?” *Ligonier Ministries*. Publicado originalmente em *Tabletalk Magazine*, 9 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://learn.ligonier.org/articles/what-church>. Acesso em: 21 ago. 2025.